

2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

“Museu, espelho meu”: Diário do Projecto VI (Julho 2008)

Julho chegou ao fim e estão a ser pré-maquetados os seis itinerários dos *GUIAS* do circuito de museus do Algarve (Museu Municipal de Faro e Museu Municipal de Portimão). Preparamos as maquetas finais dos três itinerários no Museu do Papel Moeda da Fundação Dr. António Cupertino de Miranda e finalizamos os três itinerários da Casa-Museu Guerra Junqueiro e os três itinerários do Museu Nacional Soares dos Reis.

Continuação da divulgação dos objectos museológicos trabalhados no Projecto «Museu, espelho meu»: exemplos de objectivos e de estratégias dos *GUIAS* (VER FOTOGRAFIAS NESTE SITE)

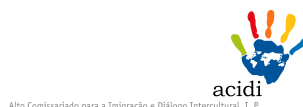
Para que serve o dinheiro? Conheces dinheiro feito de que matérias primas? Em que lugar do mundo e porque razão é que surgiu o papel-moeda?

O primeiro papel-moeda apareceu na China, em 1375, durante a dinastia Ming, numa altura em que na China o dinheiro que circulava era a moeda de cobre. A escassez deste metal, o peso que era preciso carregar quando se tinha que andar com uma grande soma em dinheiro (como acontecia por exemplo aos mercadores), as diferenças existentes entre as várias regiões do país quanto ao modo de usar o dinheiro e a frequência com que ocorriam assaltos e roubos durante as viagens, levaram o Imperador a criar a primeira nota do mundo.

No **Museu do Papel Moeda** da Fundação Dr. António Cupertino de Miranda existe um exemplar da mais antiga nota do mundo.

O que está desenhado e escrito nessa **nota chinesa**?

A inscrição na parte superior da nota significa “Governo do Império Ming”. Lateralmente e em forma de cercadura, esta nota apresenta desenhos em



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

estilo “arabesco” representando dragões. No centro da nota figuram dois painéis. O painel superior tem a legenda “UM KWAN” sobreposta a ilustrações simbólicas de mil Cash (as moedas em uso na China de então); vemos um cordão de 1000 moedas, distribuídas em dez grupos de cem moedas cada.

Lateralmente a esta ilustração figuram dois selos rectangulares, cuja interpretação tem sido sugerida como: “nota do Governo do Império Ming em circulação para todo o sempre”.

No painel inferior lê-se que «o Conselho Imperial de Lucro recebeu licença Imperial para emissão de notas do Governo Ming, para circularem em pé de igualdade com a moeda padrão (cash)» e que «quem for apanhado a falsificar sofrerá pena de morte. Quem denunciar falsificadores, receberá 250 *taels* em prata e ainda todos os bens do criminoso.»

No século XIX, num palácio de um dos imperadores da última dinastia chinesa (a dinastia Quing, que esteve no poder desde 1644 até 1911), um dos trajes usado pelas crianças era o chamado **traje dragão**. Existem dois desses trajes no **Museu Nacional do Traje**. Tecidos com seda, dragões de vários tamanhos e em várias posições animam os trajes que outrora meninos vestiram. Símbolo de suma importância, o dragão chinês contagiaria com a sua força, sabedoria e boa sorte essas crianças privilegiadas?!

Quase cem meninos de tenra idade (ou, segundo a interpretação taoista, quase cem velhos que voltam à infância!) brincam num pote de porcelana azul e branca com marca do imperador Jiajing, um dos imperadores da dinastia Ming, que reinou entre 1522 e 1566. Afinal, no século XVI, na China distante, as crianças brincavam como as que ainda hoje por lá e por aqui brincam: lançando o pião, o papagaio de papel, fazendo teatro com marionetas brincando às escondidas...



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

O tema do **pote dos cem meninos** da colecção da **Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves** tem paralelos noutros exemplares de porcelana fabricada durante a dinastia Ming (que esteve no poder desde 1368 até 1644). E não só. Também se conhece um traje de uma imperatriz em que surge representado!

Os meninos são sempre rapazes, o que leva os investigadores a pensarem no significado propiciatório que os donos podiam reconhecer nestes seus objectos.

É também *ming* a **taça** de porcelana azul e branca da **Casa-Museu Guerra Junqueiro** em que surge várias vezes representado o veado. Foi fabricada no início do reinado do imperador Wanli, por volta de 1573. Pertence a um tipo de loiça feita para ser exportada, neste caso provavelmente para o mercado indiano.

Na porcelana chinesa existe um conjunto de temas recorrentes: determinados animais, flores, árvores e frutos, e também cenas com figuras humanas.

O toque da pasta, o brilho e a cor da porcelana eram motivos de agrado que se somavam ao gosto por uma figuração cuja interpretação precisa, segundo a tradição religiosa popular chinesa, escaparia a quase todos os ocidentais que as compravam.

O veado simboliza a longevidade e a prosperidade.

No fundo interior desta taça está um veado. Passeia entre rochas. E do chão rochoso crescem flores. Em toda a roda, dentro de painéis, estão flores e frutos. Nos painéis do exterior da taça estão dez veados sarapintados. Ou será sempre o mesmo, de perfil, mas em posições ligeiramente diferentes?!



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Para que é que serviu o **mosaico Oceano** da colecção do **Museu Municipal de Faro**?

Este mosaico pertenceu a um edifício que se situava entre a actual Rua do Infante D. Henrique e a Rua Ventura Coelho. (Foi encontrado em 1926, mas só numa nova campanha arqueológica realizada em 1976, é que foi levantado para ser restaurado por uma equipa do Museu Monográfico de Conímbriga).

Comparando-o com outros mosaicos romanos, concluiu-se que o *mosaico Oceano* foi feito no período dos séculos II – III d.C.

O tamanho do mosaico – que prova que a sala para onde foi feito era muito grande –, o facto de ter sido oferecido por quatro pessoas e o tema dos seus desenhos – relacionados como o mar –, levaram os arqueólogos a pensar que o edifício em que este mosaico serviu de chão era um edifício público e, muito provavelmente, estava ligado a actividades marítimas.

Outros investigadores defendem que este mosaico pertenceu a umas termas públicas de Ossonoba.

Na zona em que foi encontrado este mosaico, foram também encontradas cetárias (tanques de salga e de fabrico do *garum*) e ânforas que provam como Ossonoba era uma cidade importante no fabrico e comércio de produtos ligados ao mar. Ossonoba era um dos portos que ficava na rota comercial que ligava Olissipo (Lisboa) a Cádiz (no sul de Espanha).

Os quatro homens que encomendaram este mosaico quiseram que, quem o visse, soubesse que tinham sido eles os encomendadores. Por isso, mandaram nele escrever, com tesselas, o seguinte texto: «Gaio Calpúrnio... e Gaio Víbio Quintiliano e Lúcio Átio (?)... e Marco Vérrio Gémino (mandaram fazer) e deram o solo e as tesselas».



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Claro que, como eram romanos, o texto está escrito em latim. Embora a frase esteja incompleta, porque se perderam muitas das tesselas desta zona, ainda é possível ler-se:

«C(aius). CAL.PVR. NI.VS (...) NVS .ET.G(aius) VI.BI.VS.QVINTI./
LI.A.NVS.ET.L(ucius).AT.TI(VS?...) S.ET.M(arcus) VER.DIVS CE.MI.NVS./
SOL(VM) TES.SEL.LAS(F(aciendum) CV.RA.R)VNT ET.DONA.R(VN).T.».

Quem entrava na sala em que este mosaico servia de chão, via logo a *tabula ansata* em que estava inserida a inscrição que informava quem tinham sido os seus quatro doadores.

Embora apresente lacunas e esteja incompleto na parte superior, o *mosaico Oceano* permite-nos ainda observar a composição em que se organizaram os seus muitos motivos geométricos, vegetalistas e antropomórficos.

O deus Oceano, representado como uma máscara de farta cabeleira em que se esconde um caranguejo, esteve em tempos acompanhado pelos quatro ventos que dele nasceram (hoje apenas restam dois ventos).

No **Museu Nacional Soares dos Reis** está depositada uma **pedra insculpida** que foi *recortada* de um rochedo de granito que fica situado no Monte de Eiró (Perto de Piores, Freguesia de Penha Longa, Concelho de Marco de Canavezes).

António Martinho Baptista, um dos actuais especialistas no estudo da arte pré-histórica, insere a pedra do Monte de Eiró na chamada «Arte Atlântica», criada entre a segunda metade do III milénio e os finais do II milénio a.C..

Foi cerca de 1910, que razões de conservação desse exemplo de arte rupestre ao ar livre levaram ao curioso procedimento de retirar da rocha mãe um dos



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

pedaços de pedra, em que há milhares de anos foram desenhadas várias figuras.

Estas figuras – que podemos descrever como espirais, linhas serpenteadas e covinhas – foram insculpidas com um instrumento duro e pontiagudo (também de pedra?) sobre a pedra do rochedo.

Quando sabemos que estamos a pensar sobre uma criação humana que data de há mais de quatro mil anos, fascinam-nos perguntas como: quem terá desenhado estas figuras? Que idade teria? Porque escolheu aquele rochedo? Representam alguma coisa que quem as fez conhecia ou imaginava? A pessoa que as fez, esteve apenas sozinha entretida a desenhá-las ou tinha algum dever de as fazer, um dever relacionado com o clã a que pertencia?

Os ***Painéis de S. Vicente*** devem esta designação a serem um políptico formado por vários painéis e a terem sido encontrados no Mosteiro de S. Vicente de Fora, em Lisboa.

Estes seis painéis, pintados na segunda metade do século XV, formam uma única pintura que terá estado colocada atrás de um altar (um retábulo).

Há grandes discussões sobre qual terá sido a igreja onde estiveram colocados os *Painéis de S. Vicente*. Parece ser mais consensual a sua atribuição ao pintor régio Nuno Gonçalves.

No **Museu Nacional de Arte Antiga**, de cuja colecção fazem parte desde há cerca de cem anos, já estiveram expostos de várias maneiras. Mas só quando estão dispostos em políptico é que nos apercebemos de como todos formam uma única pintura.



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Cada um dos seis painéis dos *Painéis de S. Vicente* tem um título. O título dado a cada painel resultou de um modo de interpretá-lo, de pensar sobre aquilo que nele está pintado.

Num dos *GUIAS*, propomos ao visitante (a partir dos 10 anos) que se vire de frente para o políptico e que se dirija para a frente do painel mais à sua esquerda. A partir de então, sobre cada painel vamos contando...

«Este painel foi chamado *Painel dos Clérigos* e só depois *Painel dos Frades*. Recebeu este nome por causa do modo como estão vestidas as três figuras mais próximas de ti. Lá atrás estão outras três! Já agora, à parte as roupas de cada figura, incluindo barretes, neste painel só existem dois objectos. Mas é difícil perceber que objectos são esses! O que te parecem ser?

Ao painel imediatamente ao lado chamou-se *Painel dos Pescadores* porque existem aqui dois objectos que estão ligados à pesca: uma rede e uma espécie de um colar feito com o que parecem ser pedaços de osso de peixe!

Talvez seja altura de te dizer que convém ires olhando para onde olham as figuras... até porque parece-nos mesmo que algumas delas estão a olhar para ti! Ou pelo menos na tua direcção... Consegues explicar isto?! Das sete figuras deste painel, há uma que tem mesmo todo o corpo virado para nós!!!

O painel seguinte é mais largo do que os painéis que acabaste de observar. Estão aqui dezassete figuras. Uma delas tem um chapéu que por ser tão grande se chamou chapeirão. Ora houve um príncipe, que foi tão falado que até talvez o conheças – o Infante D. Henrique – que usou um chapeirão assim. Não foi o único, claro. E, se calhar, ele até tinha outros chapéus! Bom... achando-se que este homem do chapeirão é um retrato do Infante D. Henrique chamou-se a este painel o *Painel do Infante*.



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

No painel do lado, que é tão largo como o painel do homem do chapeirão, também estão dezassete figuras. O nome deste painel foi escolhido porque nele foi retratado um arcebispo.

Em redor do S. Vicente estão cinco guerreiros armados e vestidos com tipos diferentes de armadura. O *painel* que se segue é chamado *dos Cavaleiros*. Cavalos nem vê-los! Repara como estão vestidas as oito figuras retratadas (três usam armaduras e os outras?).

E chegamos ao sexto painel, pela ordem que hoje têm no museu!

Convém que te contemos (se calhar até já sabias!) que os cristãos sempre se preocuparam em guardar tudo o que pertenceu às pessoas que consideraram santas (= excepcionais), desde objectos que estão ligados à história dessas pessoas até ao seu próprio corpo: são as chamadas relíquias. Acreditam que, ao mesmo tempo que provam que esses santos existiram, as relíquias também têm o poder mágico de proteger quem acredita nesses santos. Achando-se que o que está no meio do pano verde é um pedaço do osso da cabeça de S. Vicente, chamou-se a este painel o *Painel da Relíquia*. Repara em dois outros objectos aqui pintados: uma caixa vazia às costas de um homem (parece um caixão?) e um livro que tem uma escrita inventada.

O guindaste **Marion 2** da colecção do **Museu Municipal de Portimão** está montado *in loco*.

Este guindaste é uma máquina com cerca de 15 metros de altura (desde o chão do cais até à cabine onde estava o operador). Serviu para carregar e descarregar mercadorias nacionais e estrangeiras, transportadas pelas embarcações que cruzavam o porto de Portimão.



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Da fábrica dos “Irmãos FEU”, cujos edifícios foram em parte recuperados na construção do novo Museu Municipal de Portimão, foram trazidas para este cais, ao longo dos seus cerca de 80 anos de laboração, toneladas de grandes paletes de madeira cheias de caixas de latas de conserva, prontas para serem colocadas no interior dos barcos.

Durante muitos anos, os estivadores fizeram o seu trabalho com a ajuda de sistemas artesanais que dependiam da força dos seus braços. Só mais tarde passaram a poder contar com a ajuda dos guindastes. Os primeiros guindastes eram movidos a vapor. A partir de 1947, o trabalho de carregamento das embarcações passou a ser auxiliado pelos guindastes Marion 1 (que já foi desmontado) e Marion 2, que eram guindastes a gasóleo. O *Marion 2* podia erguer cerca de 25 toneladas por hora.

Porém, ao longo da década de 90, o porto de Portimão foi perdendo a sua importância económica. A maioria das fábricas algarvias de conserva de peixe desapareceu. O Algarve perdeu a importância comercial marítima que outrora tivera e estes guindastes portuários das margens do Arade foram desactivados. Hoje, a *Marion 2* é uma peça de museu.

Itinerantes, como os andores das romarias, as seis **máquinas de cena** expostas no jardim do **Museu Nacional do Teatro** foram criadas por José Carlos Barros para o espectáculo de rua construído a partir de um texto teatral escrito por Gil Vicente, no século XVI: a “Romagem d’ Agravados”.

Este espectáculo foi apresentado pela companhia *Os criadores de Imagens*. Envolveu 22 actores. Foi estreado em 2002 e percorreu várias cidades de Portugal.

Como foram construídas estas máquinas de cena?



2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

A base de cada uma destas máquinas é uma estrutura de metal assente em quatro rodas que permitem que se desloque com facilidade.

Sobre essa estrutura assentam várias figuras feitas de fibra de vidro e pintadas com cores muito fortes. Os actores podiam subir e sentarem-se dentro das máquinas e, pelo menos numa das máquinas de cena, manipulavam marionetas.

Os instrumentos musicais fixados na base destas máquinas de cena ajudaram a criar o som do espectáculo, espalhando música pelas ruas.

O que representam as figuras destas máquinas de cena? São enormes detalhes!

Sáiram de uma pintura criada por Hieronymos Bosch, por volta de 1501. Carlos Barros inspirou-se nas “Tentações de Santo Antão” de Bosch (exposta no Museu Nacional de Arte Antiga) para criar estas máquinas de cena para a “Romagem d’ Agravados”. (Embora o Gil Vicente tenha sido contemporâneo de Bosch, muito provavelmente este dramaturgo português não conheceu a pintura daquele pintor dos Países Baixos do Norte).

Na *Romagem dos Agravados*, as personagens vão andando lentamente e vão contando as suas aventuras e desventuras, apresentando a causa do seu agravo, quer dizer as razões porque querem fazer a romagem (que é o mesmo que uma procissão ou uma romaria).

Também o Santo Antão, criado por Bosch, tem muito para contar sobre as desgraças do mundo que existe, ou que imagina, à sua volta!

Sofia Lapa

30 de Julho 2008

